

Malba Tahan

Humberto de Campos, 1931

“E eu, vendo partir este beduíno atrevido e cheio de fé, e sabendo que já não estarei vivo quando ele voltar, mas certo de que fará vitoriosamente a travessia – eu, pondo as mãos trêmulas sobre a sua cabeça turbilhante de sonho, limito-me, como xeque quase cego, que já não vê o fogo diante da própria tenda, a dar-lhe a voz de partida (...)”.

.....

Malba Tahan

Humberto de Campos, 1931

Texto apresentado no livro “Mil histórias sem fim”

Ao Sr. Malba Tahan – cujo nome é atualmente um dos mais vulgarizados e discutidos das nossas letras e cujos contos, espelhados por todo Brasil e admirados em todos, são transcritos literalmente em toda a imprensa de língua portuguesa e traduzida em outras deste continente e da Europa – cabe a glória de haver sido, entre nós, e, creio mesmo, na América do Sul, o primeiro escritor de gênero árabe. A sua obra, iniciada em 1925, com a publicação dos Contos, conquistou, de pronto, a mais vasta popularidade. Céu de Alá, Amor de Beduíno e Lendas do Deserto completaram sua personalidade de prosador oriental, definido-a e incorporando-a, com relevo notável, ao que se podia chamar a “Legião estrangeira” dos narradores árabes espalhados hoje pelo mundo.

A formação oriental do espírito geograficamente brasileiro do Sr. Malba Tahan podia ser objetivo, evidentemente, de uma pesquisa de Freud. Trata-se, civilmente, de um homem que nasceu no Brasil, de um engenheiro com o seu título científico brilhantemente conquistado em nossa Escola Politécnica, membro de antiga e ilustre família brasileira. Entretanto, o Sr. Malba Tahan em uma figura de árabe, surgiu para as letras tendo no pensamento os desertos, as tamareiras, as tendas estremeando ao vento, sacudidas pelas tempestades de areia. E quando abandona as terras bárbaras e familiares do seu sonho, é para consagrar-se na vida prática ao estudo e ao ensino das matemáticas, que constituem, como sabem, uma ciência árabe, ou, pelo menos, que o árabe tomou como sua. Quantos séculos terão dormido no sangue deste legítimo descendente de portugueses os hormônios da sua longínqua procedência semita? Por que só agora, ao fim de tantas gerações brasileiras do mesmo ramo lusitano, surgiu, para a atividade da inteligência, este mouro que os árabes deixaram na península Ibérica e que, de repente, acorda como a princesa adormecida no bosque, ou como aquele monge que escutava o pássaro encantado, com as mesmas tendências de espírito, como se tivesse chegado ontem de Basra ou de Bagdá? A esse árabe do Brasil estava destinada, todavia, a realização de um dos maiores empreendimentos das literaturas orientais porventura tentados fora do Oriente. É propósito seu, todas nossas letras brasileiras e, ao mesmo tempo, as letras

árabes, com uma coletânea no gênero das “Mil Histórias”, e que terá a denominação de “Mil Histórias sem fim”. Serão contos de inspiração oriental, ligados entre si, mas constituindo, como naquelas grandes coleções do Oriente, narrações isoladas pelo assunto. Serão, diria um árabe, como um soberbo colar de mil pérolas, mas usadas cada uma separadamente. Serão, finalmente, uma grande jóia formada por um milheiro de jóias miúdas.

Esse pensamento contém o programa para toda uma vida, inicia-se agora o autor, com a polomorfia do seu talento, e o gosto, e a altura, e a febre de espírito, o entusiasmo festivo, e a imaginação viva, com os atributos em suma, que se requerem para empresa tão pesada e tão longa. Levá-la-á ele a tempo? Não esmorecerá no caminho? Descerá este peregrino do seu camelo antes de divisar no horizonte os santos minaretes de Meca?

Ninguém pergunta à caravana qual será o seu roteiro no areal. O deserto, como o oceano, tem rumo, mas não tem estrelas. E eu, vendo partir este beduíno atrevido e cheio de fé, e sabendo que já não estarei vivo quando ele voltar, mas certo de que fará vitoriosamente a travessia – eu, pondo as mãos trêmulas sobre a sua cabeça turbilhonante de sonho, limito-me, como xeque quase cego, que já não vê o fogo diante da própria tenda, a dar-lhe a voz de partida, lançando-lhe a bênção patriarcal em nome da nossa tribo:

- Alá te conduza, filho do deserto! E que as fontes dos oásis dêem água límpida para a tua sede e, à tua chegada, abram no alto, para o teu repouso, um verde teto de folha e estendam, no chão, para o teu sono, um fresco tapete de sombras.